

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

Aline Daniela Sauer

**Perspectivas da Juventude Rural sobre o conhecimento geracional na agricultura
familiar**

Florianópolis

2020

Aline Daniela Sauer

**Perspectivas da Juventude Rural sobre o conhecimento geracional na agricultura
familiar**

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em
Educação do Campo do Centro de Ciências da
Educação da Universidade Federal de Santa Catarina
como requisito para a obtenção do título de Licenciado
em Educação do Campo - área de conhecimento
Ciências da Natureza e Matemática.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Gules Borges

Florianópolis

2020

Sauer, Aline Daniela

Perspectivas da Juventude Rural sobre o conhecimento geracional na agricultura familiar / Aline Daniela Sauer ; orientador, . Marcelo Gules Borges, 2020.
48 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Graduação em Educação do Campo, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Educação do Campo. I. Borges, . Marcelo Gules . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Educação do Campo. III. Título.

Aline Daniela Sauer

Perspectivas da Juventude Rural sobre o conhecimento geracional na agricultura familiar

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Licenciatura em Educação do Campo e aprovado em sua forma final pelo Curso de Educação do Campo

Local, 30 de janeiro de 2020.

Profª Drª Adriana Angelita Conceição
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Marcelos Gules Borges
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Marcia dos Santos Ramos Berreta
Avaliadora
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

Profª Drª Adriana Angelita Conceição
Avaliadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Juliano Camillo
Avaliador Suplente

Aos meus avós, não os conheci em vida, mas me ensinaram através dos ensinamentos repassados pelos meus pais...

AGRADECIMENTOS

Mais uma etapa da vida finaliza e tenho muito a agradecer por todos que estiveram ao meu lado nessa caminhada, que muitas vezes não foi fácil, mas o apoio foi necessário para chegar até aqui.

- Á Deus, por permitir que eu possa continuar a deixar a minha marca neste mundo e a saborear a vida a cada dia;
- Aos meus pais Zenilda e Wilson que me ensinaram a lutar pelo que desejo e valorizar cada conquista;
- Aos meus irmão, Anderson e Gilson, que estiveram ao meu lado, me ajudaram e me apoiaram;
- A minha companheira de graduação Denize, por estar no meu lado nesses 4 anos, me ouvindo, me dando todo o suporte para finalizar o curso. A sua companhia fez o caminho se tornar mais leve;
- Ao meu grupinho Edinara e Fernanda que ouviram todos os meus desabafos e me animaram pra seguir;
- Ao meu amigo Sandro pela alegria de sua companhia;
- Aos jovens que participaram da pesquisa, esse trabalho aconteceu graças as suas disponibilidades;
- Ao meu orientador Marcelo pelo trabalho realizado e por confiar na minha capacidade.

Obrigado a todos!!

“Quando olhares o céu à noite eu estarei habitando uma delas, e de lá estarei rindo; então será, para ti, como se todas as estrelas rissem! Dessa forma, tu, e somente tu, terás estrelas que sabem rir.”

Antoine de Saint-Exupéry

RESUMO

A família é um lugar privilegiado de transmissão da cultura e de conhecimentos, sendo uma experiência importante para a constituição do sujeito. Dessa forma, essa pesquisa teve como objetivo identificar e analisar as perspectivas da juventude rural em relação ao conhecimento geracional na agricultura familiar. O desenho metodológico do estudo é de enfoque qualitativo. Participaram da pesquisa 8 jovens que residem no meio rural do município de Mafra/SC, ambos os sexos, com idade entre 16 a 29 anos. Como instrumento para coleta de dados realizou-se entrevistas semi-estruturadas. Para a análise dos utilizou-se a análise de Conteúdo de Bardin. O estudo revela que os jovens rurais valorizam os conhecimentos geracionais devido a experiências significativas vividas com as pessoas idosas. Viver na atividade agrícola e na rotina do campo desde a infância é outro fator marcante para a aprendizagem dos conhecimentos geracionais.

Palavras-chaves: conhecimento geracional; agricultura familiar; jovens rurais.

ABSTRACT

The family is a privileged place for the transmission of culture and knowledge, being an important experience for the constitution of the subject. Thus, this research aimed to identify and analyze the perspectives of rural youth in relation to generational knowledge in family small farming. The methodological design of the study is of qualitative approach. Participated in the research 8 young people who live in the rural area of the municipality of Mafra / SC, both sexes, aged between 16 and 29 years old. Semi-structured interviews was carried to collect data. For the analysis of those we used the analysis of Bardin Content. The study reveals that young farmers value the generated knowledge due to deep experiences with elders. Living in the agricultural routine since childhood is another important factor for learning generational knowledge.

Keywords: generational knowledge; family farming; Rural Youth.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa de Santa Catarina.....	23
--	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Perfil dos entrevistados.....	25
Tabela 2 - Atividade agrícola exercida na propriedade rural.....	25
Tabela 3 – Categorias, Subcategorias e Elementos de análise das Entrevistas.....	26

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
1. INTRODUÇÃO	15
2. OBJETIVOS	17
2.1 OBJETIVOS GERAL	17
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	17
3. REFERENCIAL TEÓRICO	18
3.1 AGRICULTURA FAMILIAR	18
3.2 CONHECIMENTO GERACIONAL	19
3.3 JUVENTUDE RURAL	22
4. MÉTODO	24
4.1 NATUREZA E DELINEAMENTO	24
4.2 CONTEXTO DA PESQUISA	24
4.3 PARTICIPANTES	25
4.4 TÉCNICA E INSTRUMENTOS DE COLETA	25
5. RESULTADOS	27
6. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	28
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
8. REFERÊNCIAS	40
Apêndice A	45

APRESENTAÇÃO

Inicialmente, é importante destacar os motivos que me levaram a cursar a Licenciatura em Educação do Campo na Universidade Federal de Santa Catarina, e, assim sobre a escolha de escrever sobre a perspectiva da juventude rural em relação ao conhecimento geracional na agricultura familiar.

Sou natural do município de Rio Negro, cidade vizinha de Mafra/SC, onde resido até o momento. Como a minha mãe fala “só atravessei o rio para nascer”. Sou a filha mais nova de três irmãos. Morei sempre no meio rural do município de Mafra, e a atividade econômica dos meus pais foi, e é até hoje, relacionada à agricultura.

Durante os anos de 1998 a 2009 estudei em escolas públicas, onde cursei a pré escola até o ensino médio. Nos anos iniciais do Ensino Fundamental (EF) frequentava a escola municipal perto da minha residência. Depois, para os anos finais do EF e do Ensino Médio, frequentei escolas estaduais na área urbana do município, sendo necessário para meu deslocamento o transporte escolar.

No período do Ensino Médio, realizava no contra turno escolar cursos de aprendizagem no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) em Mafra, como cursos de elétrica e tornearia mecânica. O objetivo de realizar esses cursos eram imaginando que poderia ter acesso mais rápido ao mercado de trabalho, pois desde do início da minha adolescência nunca via o meio rural como uma alternativa de vida. Parte dessa compreensão, seja talvez por ouvir meus pais falando sobre o campo ser "difícil, "sofrido". A frase constante era: "a caneta é mais leve que a pá".

Carneiro (1998) nos explica que a juventude rural é afetada por meio de diluição das fronteiras entre os espaços rurais e urbanos, ajustada com o agravamento da situação da falta de perspectivas para os que vivem da agricultura. Desse modo, deve-se considerar que os jovens procuram afirmações para o seu futuro e aspiram à construção de seus projetos, que estão geralmente vinculados ao desejo de inserção no mundo urbano e também são influenciados pelos pais a buscar novas alternativas.

Quando me formei no Ensino Médio, estava determinada a cursar uma graduação. Assim, iniciei o curso de bacharel em Psicologia na Universidade do Contestado no ano de 2010. Desde o princípio entendia que a formação não me traria muitas oportunidades de trabalho no município de Mafra e região. Meu objetivo era, de fato, me formar e residir numa cidade de grande porte. No ano de 2015, graduei-me em Psicologia, com a mente mais madura, pois a fase da adolescência estava finalizando e assim meu olhar se voltava

novamente para a minha família. Decidi, então, naquele ano, permanecer em casa "ajudando" meus pais - os quais já estavam em idade avançada - na agricultura, uma vez que meus dois irmãos já não residiam com eles. Realizava todas as atividades juntamente com meu pai, na manutenção de cercas, nos cuidados com os ovinos e bovinos, na colheita do mel e na manutenção de apiários, nas roçadas dos pastos. O trabalho era cansativo e pesado. Sempre falava para o meu pai: "vai com calma, não tenho tanta força, não sou um dos seus piás". Sublinho que eu não era remunerada pelo trabalho executado, e recebia o básico como alimentação, roupas e moradia. Também não havia a valorização do meu labor e muito menos tinha voz. Quando se falava na sucessão familiar, meus pais mencionavam apenas os meus irmãos, pois eu "era mulher, havia estudado e não teria porque estar na agricultura". Isso, mesmo eu estando presente e meus irmãos não.

Esse tipo de situação é mencionada em estudos acadêmicos, como o de Anjos, Caldas e Costa (2006). Esses autores tratam dos problemas da sucessão familiar mencionando a masculinização e o envelhecimento que dela resultam. No primeiro caso, porque a mulher é a primeira a sair do estabelecimento rural, uma vez que percebe que através de uma formação técnica e/ou superior se condiciona a possibilidade de sair do campo. Contudo, não saem só as meninas. Saem também meninos. E acabam ficando apenas os pais, em boa parte dos casos já idosos, o que tem provocado o envelhecimento rápido da população rural.

Nada disso, entretanto, impediu que me apaixonasse pela vida no campo. A vida que sempre tive e que desde a adolescência havia negado. E que, agora, adulta, valorizava de um outro modo. Por vivenciar o seu dia a dia, por mais cansativo que fosse o trabalho agrícola, percebi que no campo a minha qualidade de vida era melhor. Assim, decidi que permaneceria na agricultura, mesmo com a discordância dos meus pais. Eu julgava – e julgo – que era – e é – um direito meu. Foi quando, em um dia exaustivo centrado no casqueamento das ovelhas, enquanto preparava o lanche da tarde, ouvi na rádio AM um anúncio sobre o curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Catarina. Era exatamente o que buscava, pois, para permanecer no campo também era necessário estudar, além da afinidade que eu tenho com as disciplinas das Ciências da Natureza.

Até o momento, o curso me proporcionou muitos conhecimentos sobre a agricultura. O que mais se destacou foi a valorização e o reconhecimento da importância dos conhecimentos populares. Destaco, conhecimentos que sempre ignorei. Em muitas vezes, quando meus pais me explicavam algumas coisas, julgava que não daria certo. Aprendi, todavia, que havia base científica. Descobri que havia um diálogo entre os conhecimentos científicos e os conhecimentos locais para as explicações que eles me davam. Portanto, como

Bourdieu (2005, p.11) cita “qualquer intelectual poderá rastrear lances privilegiados da própria existência nos quais pode ajuizar esse trânsito entre a vivência e as percepções inteligíveis de nexos causais até então despercebidos”.

Desta forma a vivência do pesquisador é importante para que ocorra a produção mais aprofundada do estudo, o seu lugar de fala pode trazer visões enriquecidas ao tema, pois a sua imersão no contexto traz a possibilidade de explicitar a realidade. Foi por isso que escolhi o tema deste trabalho de término de curso.

1. INTRODUÇÃO

Quando se fala sobre a juventude rural o principal foco dos estudos científicos é sobre a temática do êxodo rural, fenômeno crescente nas últimas décadas, principalmente no sul do Brasileiro.

Entretanto, de acordo com Carneiro (2005) e Costa e Doula (2014) o interesse dos pesquisadores nacionais pelo tema do universo social e cultural dos jovens que vivem no meio rural são recentes e é significativamente limitada a bibliografia disponível.

Os jovens que moram na área rural possuem diversas dificuldades sócio-históricas e culturais e deslumbram a área urbana como um lugar melhor para seus projetos de vida. Para os pesquisadores Castro (2009) e Bonomo e Souza (2013) ser jovem residente no meio rural significa enfrentar um ambiente desigual e violento, subjugado pela hierarquia entre rural e urbano e ser estereotipado como roceiro, bobo, atrasado e sem educação.

Diante disso a juventude rural vive a dicotomia entre espelhar-se na cultura urbana que se torna referência para a construção de seu projeto de vida, e normalmente orientados pelo desejo de inserção no mundo moderno, mas se prendem a cultura de origem (CARNEIRO, 1998). A representação social que os adolescentes do meio rural constroem sobre si e sobre o espaço onde vivem constitui a sua identidade e a sua forma de ver o mundo e sentir o desenvolvimento, desta forma é importante compreender quais as perspectivas que eles têm sobre a ruralidade, pois a partir dos diferentes olhares que esses adolescentes lançam sobre o mundo que os rodeia seria possível perceber as possíveis noções de pertencimento em relação ao território e as escolhas realizadas por eles podem influenciar a maneira com que eles irão desempenhar seu papel social (GUERIN, 2017).

Os jovens que vivem na área rural pertencem normalmente a famílias que exercem atividades agropecuárias, que são desenvolvidas em pequenas propriedades, no qual retiram de forma total ou parcial o sustento econômico. Essas atividades existentes na propriedade são realizadas em grande parte por membros familiares são reconhecidas atualmente como agricultura familiar.

No Brasil, 84% do total dos estabelecimentos agropecuários pertencem a agricultura familiar, que além de gerar emprego e renda no meio rural, é uma importante fornecedora de alimentos para o mercado interno, sendo responsável por boa parte da segurança alimentar do país (FOGUESATTO ET AL., 2016).

O estado de Santa Catarina é considerada uma referência nacional e internacional quando se fala em agricultura familiar (PAULILO, 2006) e possui uma estrutura de pequenos e médios municípios e tem demonstrado capacidade de resistir e de inovar na busca de alternativas de produção e organização e de movimentos sociais fortes que incorporam as suas lutas questões de gênero e de geração (PAULILO; SCHMIDT, 2003). Desta forma a agricultura familiar tem sido capaz de se reproduzir ao longo de gerações e de se adaptar aos mais diversos movimentos da conjuntura socioeconômico, independente dos regimes políticos, ela sempre teve a capacidade de evoluir (CAMBRUZZI, 2013).

Desse modo a questão geracional é algo importante dentro da agricultura familiar, não somente a herança referente ao patrimônio, mas também a herança cultural e a transmissão de conhecimentos para continuar na atividade agrícola. Para Grubbstrom e Soovali-Sepping (2012) a sucessão rural entre as gerações envolve a transferência de ativos físicos e intangíveis que são caracterizados pela propriedade rural da família, pelo conjunto de conhecimentos e habilidades sobre as atividades desenvolvidas e pelo valor e importância emocional que o patrimônio familiar possui.

Esses jovens provenientes do meio rural frequentam as escolas urbanas devido ao fechamento das escolas rurais e centralização das escolas para o perímetro urbano. Desta forma para eles ocorre um conflito sobre suas percepções dos conhecimentos locais, transmitidos pelos seus pais e os conhecimentos que lhe são apresentados na sala de aula.

Segundo Bourdieu (1998) a cultura dominante é apresentada como “a cultura”, universal, neutra e válida e acessível a todos através da educação escolar, sendo assim basta que a escola ignore as diferenças entre seus diversos públicos, tratando-os de modo igual os desiguais, mas isso acaba favorecendo os favorecidos e desfavorecendo os desfavorecidos. Logo, o sistema escolar reproduz as desigualdades sociais e exclui os povos das áreas rurais, pois se permeia na sociedade que o campo não tem valor de conhecimento, o que produz não tem valor cultural, e desta forma o campo não tem valor de existência (CHAMON, 2014).

A escola acaba por desvalorizar os saberes dos mais antigos e os seus modos de transmissão, que acarreta na modificação da relação dos filhos com o trabalho da agricultura (CHAMPAGNE, 1986). Para Renk e Dorigon (2014) os jovens podem então recusar os valores nos quais foram socializados.

Sobre essas questões expostas a pesquisa tem o seguinte questionamento: *Quais as perspectivas da juventude rural em relação ao conhecimento geracional na agricultura familiar?*

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Identificar e analisar as perspectivas da juventude rural em relação ao conhecimento geracional na agricultura familiar.

2.2 OBJETIVO ESPECÍFICOS

- (a) Compreender de que forma ocorre o conhecimento geracional na perspectiva de jovens rurais;
- (b) Analisar de que forma esses jovens rurais adquirem os conhecimentos da agricultura familiar;
- (c) Verificar como o conhecimento geracional afeta os jovens continuarem na atividade agrícola.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 AGRICULTURA FAMILIAR

Desde os primórdios da ocupação no território catarinense e de todo o Brasil, o meio rural desempenhou um forte papel no processo de desenvolvimento econômico e social, com um importante destaque a agricultura familiar (CAMPOS; BRANDT; CANCELIER, 2013).

Nos últimos anos o modelo de sociedade urbano-industrial vem sendo questionado em oposição ao rural que adquire a importância enquanto maneira de se pensar desenvolvimento e de refletir sobre a sociedade. A escolha pela agricultura familiar como protagonista do desenvolvimento rural vem sendo adquirida em análises que lhe atribuem uma situação favorável em relação à agricultura patronal, e a sua potencialidade em termos de sustentabilidade e renda no meio rural (STROPASOLAS, 2002).

A agricultura familiar no Brasil é uma crescentemente forma social de produção, sendo reconhecida pela sociedade devido as suas contribuições materiais e imateriais. Às diversas expressões de sua organização social correspondem múltiplos discursos identitários e demandas sociais (BERGAMASCO; DELGADO, 2016).

A noção de Agricultura Familiar serviu para fortalecer este setor da agricultura, que não era reconhecido (BERGAMASCO; DELGADO, 2016), pois a percepção que se tinha sobre os agricultores que produziam seus meios de vida e que residiam fora do circuito da grande lavoura foi predominantemente negativa (PICOLOTTO; MEDEIROS, 2017). Agricultura familiar ou os pequenos agricultores, como eram chamados até duas décadas atrás, sempre estiveram às margens das ações do Estado brasileiro (GRISA; SCHNEIDER, 2015).

Um aspecto marcante da Agricultura Familiar é as formas invisíveis de trabalho e de produção, que são chamados de “riqueza invisível”, pois é omissa na Economia. A família sendo a instituição estratégica do meio rural se torna responsável pela reprodução dos atores do desenvolvimento rural, sendo a mão de obra qualificada, ou como trabalhadores sazonais, migrantes, e trabalhadores sem qualificação em todas as regiões brasileiras. Sendo assim, dentro da unidade doméstica que se converge o esforço reprodutivo que participam, fundamentalmente, as crianças, as mulheres, e os idosos (BERGAMASCO; DELGADO, 2016).

De acordo Lei da Agricultura Familiar nº 11.326, de 24 de julho de 2006, diz que um dos requisitos definidores da agricultura familiar tenha percentual mínimo da renda familiar originada de atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento (Artigo 3º,

II). Desta forma as unidades familiares rurais são baseadas na associação entre trabalho, família e produção e que usam a terra para efetivarem o próprio trabalho (MALAGOLI, 2016).

Para Schneider e Cassol (2014) a agricultura familiar constitui-se de uma família que trabalha em atividades agrícolas em um pedaço de terra, normalmente pequeno, e nem sempre em sua propriedade legal. Este regime de trabalho na economia familiar cria uma produção agroalimentar que é utilizada para o autoconsumo e também para a comercialização.

A agricultura familiar se tornou a categoria consagrada, capaz de abranger todas as formas de agricultura (MALAGOLI, 2016), sendo um segmento muito diversificado internamente, que se destaca não apenas pela sua diversificação, mas também pela sua capacidade de unificar a sua produção para o mercado, juntamente com estratégias de reprodução familiar e de vida cultural e comunitária (BERGAMASCO; DELGADO, 2016).

Vale ressaltar que a agricultura familiar é um conjunto heterogêneo, e abrange diversas situações, que vão da agricultura de subsistência a agricultura empresarial. Portanto, para continuidade da agricultura familiar ao longo dos anos vai depender do interesse e das motivações dos jovens para reproduzir as atividades exercidas pelos pais (BRUMER, 2014).

3.2 CONHECIMENTO GERACIONAL

A família é um lugar privilegiado de transmissão da cultura e de conhecimentos, sendo uma experiência importante para a constituição do sujeito. Logo a transmissão geracional torna-se evidente por meio da repetição dos padrões familiares que garantem a sobrevivência e a perpetuação da família (ALMEIDA; MAGALHÃES; FÉRES-CARNEIRO, 2014). Os pais preocupam-se com a transmissão dos seus valores como forma de projetar sentido e justificação às suas vidas (BENINCÁ; GOMES, 1998).

A reprodução social dentro da agricultura familiar é passada pela continuidade das propriedades ao longo das gerações (GASSON & ERRINGTON, 1993). Sendo assim, a educação familiar pode ser caracterizada como um processo social, histórico e cultural, que está presente no cotidiano de vivências e na transmissão geracional de saberes, valores, hábitos, normas e padrões de convivência (BENINCÁ; GOMES, 1998; STROPASOLAS, 2014). Não transmitindo apenas bens materiais aos seus filhos (ROSAS, 2007).

As novas informações e a sua integração no conjunto de conhecimentos já existentes ocorrem através de aprendizagens. Aprender não se limita apenas à aquisição de novas informações, mas tem também como objetivo corrigir, aprofundar, alargar e reorganizar a nossa base de conhecimentos existentes (PINTO, 2001).

A geração consiste num grupo de sujeitos nascidos em uma mesma época, que viveu os mesmos acontecimentos sociais durante a sua formação e crescimento e que partilha a mesma experiência histórica que origina uma consciência comum, que permanece ao longo do curso de vida (MANNHEIM, 1993; MAGALHÃES, 2007). Na agricultura familiar, as crianças aprendem com a realidade do trabalho no campo desde muito novas, no qual associam trabalho e manifestações lúdicas. Elas são estimuladas a abarcar uma ética em que o trabalho possui um valor relevante como foco a subsistência, sendo um meio privilegiado de se ganhar a vida e honrar os seus compromissos (POLI, 1995). A organização do trabalho na agricultura familiar catarinense ocorre sobre chefia do pai, havendo então uma hierarquia no mando das tarefas e responsabilidades, segundo Renk, Dorigon e Bagnara (2014).

A organização do processo de aprendizagem não se realiza separadamente das atividades produtivas e nem ocorre em lugares no ambiente do trabalho que seja destinado exclusivamente as crianças (STROPASOLAS, 2010). Desta forma aprender e ensinar fazem parte do mesmo contexto social de ação onde ocorrem as atividades da vida cotidiana da família (STROPASOLAS, 2014). Os processos de saberes que flui de uma geração para outra não ocorre espontaneamente. Há uma infinidade de reações entre parentes, entre os mais velhos e os mais novos e companheiros de trabalhos, que possuem um cuidado para a efetivação da aprendizagem. De uma simples atividade que as crianças e os jovens aprendem por imitação, há regras, princípios e iniciativas dirigidas, sendo intencional e sistematicamente pedagógico (BRANDÃO, 1986).

O comportamento de cada geração, em interação com as imediatamente precedentes, origina tensões potencializadoras de mudança social. A mudança social é interpretada como “evolução intelectual” da sociedade (MANNHEIM, 1993; MAGALHÃES, 2007).

Nas unidades familiares as relações são marcadas por tensões e descontentamentos entre as gerações, muitas vezes decorrentes de padrões culturais que geram desigualdades e hierarquia de poderes entre os membros da família (STROPASOLAS, 2014).

Na perspectiva de Renk (1997), os processos geracionais estão ligadas com a qualidade das relações, dos arranjos sociais, das estruturas familiares, e dos modos de transmissão, estando relacionadas em padrões sociais e culturais. Desta forma é que se

constitui o padrão social das famílias de agricultores, por exemplo, o qual não é livre de tensões de conflitos, sejam eles internos ou externos.

No caso dos jovens, esses visam estabilizar seus próprios valores buscando estratégias compatíveis com as modernidades tecnológicas, demográficas e políticas (BENINCÁ; GOMES, 1998), pois os jovens rurais espelhar-se na cultura urbana que se torna para eles referência para a construção de seu projeto de vida e frequentemente desejam a inserção no mundo moderno, mas não deixam de lado a cultura de origem (CARNEIRO, 1998). Sendo assim, acaba ocasionando uma crise da agricultura familiar e dos processos econômicos que modificam o rural num espaço cada vez mais heterogêneo, diversificado e não apenas exclusivamente agrícola, devido a dinâmica de diluição entre as fronteiras dos espaços rurais e urbanos (CARNEIRO, 1998; GUERIN, 2017).

Todavia, diferente das gerações passadas, que obtinham suas experiências em um espaço social restrito, agora as novas gerações estão cada vez mais inseridas num campo maior de relações sociais e culturais. Dessa forma, há um repensar sobre suas identidades e realizações pessoais. Sendo assim é emerge a individualização da perspectiva sucessória das propriedades, pois os interesses dos filhos podem não ser mais os mesmos do restante do grupo familiar (SPANLEVELLO, ET AL, 2011). De acordo com Renk e Dorigon (2014) nas gerações anteriores todos os filhos permaneciam na agricultura, nos últimos anos isso vem se modificando.

Variados indicadores vêm mostrando modificações nos comportamentos e expectativas da população que vive no meio rural, devida uma maior interação com os valores e símbolos urbanos, particularmente entre os jovens, surgindo conflito de interesses entre os diversos grupos sociais rurais (WANDERLEY, 2000). De acordo com Toledo (2008) e Brumer (2014), os jovens que vivem no meio rural possuem escolaridade mais elevada em relação a suas gerações anteriores, e crescem com uma cultura diferente da dos seus pais e incorporaram parte do modo de vida urbana.

Para Guerin (2017) no momento em que os jovens têm mais chances de estudar que seus pais, a ter mais acesso à informação e à aquisição de conhecimento proporcionam que eles desempenhem nas suas famílias, um papel que anteriormente que era negado a eles, sendo a sua participação mais ativa nos negócios. Sendo assim, a educação formal pode proporcionar aos jovens para desempenharem o seu protagonismo social e familiar.

4.3 JUVENTUDE RURAL

A juventude rural é uma categoria social em constante construção, e que demorou muito para se entender o modo como esses jovens veem o mundo que os rodeia (STROPASOLAS, 2005). As condições os jovens vivem no meio rural e que vivenciam diferentes realidades, sendo elas as inserções produtivas, o acesso a serviços públicos, acesso a informação, padrões de sociabilidade, que ocasionam modificações em as suas percepções de mundo e de desenvolvimento (GUERIN, 2017).

De acordo com a Lei 12.852 de 5 de agosto de 2013, são considerados jovens os sujeitos com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade.

Neste estudo focamos nos jovens rurais filhos de agricultores que possuem pequenas propriedades rurais. Para Puntel, Paiva e Ramos (2011) o jovem rural é aquele que ainda é dependente dos pais, que ainda não é proprietário de terra e se insere, normalmente como um agregado/subordinado dos seus pais.

O êxodo rural é um dos principais foco dos pesquisadores nacionais quando se trata da temática do meio rural, pesquisadores como Campo (1987), Abramovay et al., (1998), Carneiro (1998), Paulilo (2004), Castro (2006), Silvestro et al (2001), Renk e Dorigon (2014), Chauveau (2014), Stropasolas (2014). Conforme os autores, as principais causas para que ocorra o êxodo são falta de acesso ao lazer e cultura (CHAUVEAU, 2014), esforço físico para a realização das atividades agrícolas (CHAUVEAU, 2014; BRUMER, 2014), sucessão, herança da terra e questões de gênero (SPANVELLO, 2008; PAULILO, 2004; STROPASOLAS, 2014), ausência de autonomia financeira (BRUMER, 2007; STROPASOLAS, 2014), e a hierarquização entre rural e urbano (CARNEIRO, 2007). Dessa forma, como resultado pode ocorrer problemas como envelhecimento e masculinização do meio rural (BOURDIEU, 2002; STROPASOLAS, 2006; RENK; DORIGON, 2014).

Esses jovens rurais carregam o peso de uma posição hierárquica de submissão e isso acarreta a imigração das jovens para áreas urbanas, que se deve ao fato de enfrentarem problemas de acesso à escola e ao trabalho, e também pela atração do jovem pelo estilo de vida urbano (CASTRO, 2009), não sendo um fato recente (MENEZES, 2009).

Para os jovens, morar nas áreas rurais de Santa Catarina significa não ter outra escolha para o trabalho senão a agricultura, morar distante de outras casas, e não ter acesso de mobilidade e a internet (CHAUVEAU, 2014).

A imigração para os centros urbanos, seja ela temporária ou definitiva, expõe os jovens ao contato com um sistema amplo de valores que podem ser absorvidos ou rejeitados, atuando tanto no sentido de aumentar os laços identitários com a sua cultura original, quanto no sentido também de negá-los (CARNEIRO, 1998), pois ser ou parecer rural é ser diferente do padrão social (KUMMER;COLOGNESE, 2013). Desta forma a agricultura familiar vem apresentando dificuldades em garantir a sua reprodução social e seus conhecimentos geracionais.

4. MÉTODO

4.1 NATUREZA E DELINEAMENTO

A presente pesquisa é um estudo de abordagem qualitativa, de natureza descritiva que tem como objetivo a descrição e a compreensão de determinada população ou fenômeno (GIL, 2009). Especificamente, tem como foco analisar a perspectiva da juventude rural em relação ao conhecimento geracional na agricultura familiar.

4.2 CONTEXTO DA PESQUISA

As comunidades rurais Vila Grein e Espigão do Bugre onde vivem os jovens que participaram da pesquisa pertencem ao município de Mafra que está localizada no Planalto Norte no estado de Santa Catarina, com uma população estimada em 56.292 pessoas, tendo uma área territorial total de 1.404.084 km². A atividade agropecuária é umas das principais atividades econômicas deste município. O número de estabelecimentos agropecuários no município é de 1.938, ocupando uma área de 86.975 hectares. (IBGE, 2018).

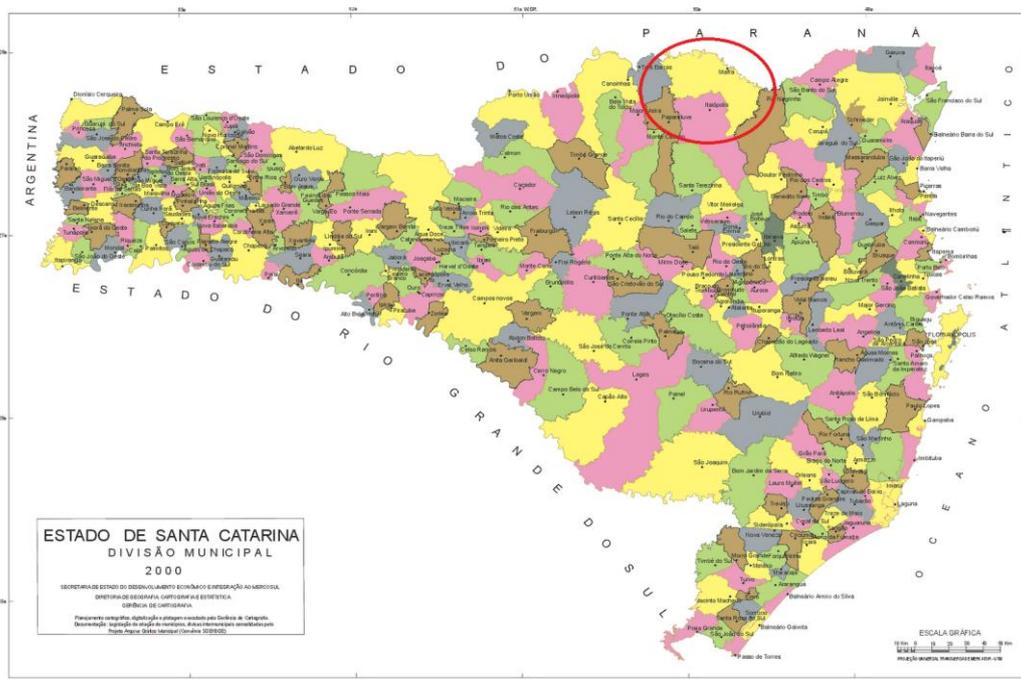


Figura 1- Estado de Santa Catarina (Fonte: Mapasblog, 2019)

Sendo assim, o município de Mafra pode ser considerado ambivalente, uma categorização intermediária entre rural e urbano, segundo Veiga (2002). Municípios ambivalentes são aqueles que apresentam população entre 50 e 100 mil habitantes.

De acordo com IBGE (2010) o município de Mafra tem 22% dos adolescentes na faixa etária de 15 a 17 anos residentes na área rural. No estado de Santa Catarina esse número é menor, sendo 17%, e no âmbito nacional aproximadamente 18% dos adolescentes residem no meio rural. Desta forma vale ressaltar a importância de realizar a pesquisa neste município, devido ao número de adolescente rurais no município de Mafra ser superior ao número nacional e estadual, umas das principais atividades ser a agropecuária e ter um número significativos de estabelecimentos agrícolas.

4.3 PARTICIPANTES

Os participantes da pesquisa são 8 jovens que residem em comunidades rurais no município de Mafra, na região do Planalto Norte de Santa Catarina. Os critérios iniciais de inclusão são jovens que trabalham ou trabalharam na atividade agrícola familiar.

5.4 TÉCNICA E INSTRUMENTOS DE COLETA

A técnica para produção dos dados consistiu em entrevistas semi-estruturadas (Apêndice A), as quais favorecem a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade (TRIVIÑOS, 1987). Houve também questões sociodemográficas e de caracterização para contextualizar o indivíduo em seu contexto social (SILVA E BOUSFIELD, 2016). A escolha da amostragem se deu utilizando-se a técnica de *Snowball* (BALDIN; MUNHOZ, 2011), sendo uma forma de amostra não probabilística, que utiliza cadeias de referência. Sendo assim, nesse tipo específico de amostragem não é possível determinar a probabilidade de seleção de cada participante, mas torna-se útil para estudar determinados grupos difíceis de serem acessados (VINUTO, 2014). De início a pesquisadora entrou em contato com o primeiro jovem por conveniência, ou seja, a pesquisadora conhecia o jovem que aceitou realizar a entrevista. Quando finalizado a entrevista foi solicitado para que ele indicasse outro jovem de acordo com os critérios de inclusão e exclusão, e assim ocorreu sucessivamente até ocorrer saturação amostral.

4.5 ANÁLISE DE DADOS

Para a análise dos dados utilizou-se a Análise de Conteúdo de Bardin (2011) consiste em uma técnica que busca compreender as características, estruturas ou modelos que estão nos fragmentos de mensagens lidas em seu contexto. Os dados coletados foram divididos em categorias temáticas, buscando analisar o conteúdo da entrevista respondida pelos jovens rurais. As categorias se dividem em subcategorias e elementos de análise, que avaliam a singularidade da produção de conhecimento nesta pesquisa. A pesquisadora transcreveu as entrevistas e após várias leituras estabeleceu de forma indutiva as categorias para serem analisadas.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentamos abaixo o perfil dos sujeitos da pesquisa, através uma tabela de caracterização a partir de sexo, idade e nível de escolaridade.

Tabela 1 – Perfil dos entrevistados.

Entrevistado	Sexo	Idade	Nível de escolaridade
E1	Masculino	20 anos	Ensino Médio Completo
E2	Masculino	16 anos	Ensino Médio Incompleto
E3	Masculino	28 anos	Ensino Médio Completo
E4	Feminino	27 anos	Ensino Médio Completo
E5	Masculino	21 anos	Ensino Médio Completo
E6	Feminino	21 anos	Ensino Superior Incompleto
E7	Masculino	16 anos	Ensino Médio Incompleto
E8	Feminino	16 anos	Ensino Médio Incompleto

As informações descrevem que a amostra foi constituída de 08 (oito) participantes, sendo 05 (cinco) do sexo masculino e 03 (três) do sexo feminino, com idades entre 16 e 28 anos, tendo a maioria dos entrevistados (5) ensino médio completo. Os jovens que apresentam escolaridade de ensino médio incompleto é devido ao fato de ainda estarem cursando, pois estão em idade escolar. O mesmo não acontece com a jovem com nível superior incompleto, pois teve que trancar a matrícula, devido a dificuldades de deslocamento para outro município onde ocorria o curso.

A tabela a seguir nos mostra informações sobre quais atividades agrícolas são exercidas na propriedade para obtenção de renda e sua localidade de moradia:

Tabela 2 - Atividade agrícola exercida na propriedade rural

Entrevistado	Atividade Agrícola exercida	Localidade
E1	Feijão, milho, soja, apicultura e gado (leite e corte)	Vila Grein
E2	Feijão, milho, soja, gado (leite e corte) e granja	Espigão do Bugre
E3	Milho, soja, apicultura e gado (corte)	Espigão do Bugre
E4	Feijão, milho, gado (leite e corte)	Vila Grein
E5	Feijão, milho, soja gado (leite)	Vila Grein
E6	Gado (corte), morango e verduras	Espigão do Bugre
E7	Feijão, milho e soja	Espigão do Bugre
E8	Gado (corte), morango e verduras	Espigão do Bugre

Cabe destacar a semelhança entre as atividades exercidas nas propriedades que os jovens rurais fazem parte, destacando-se a atividade de pecuária (gado), feijão, milho e soja. Conforme Stropasolas (2014) a agricultura e a criação de animais constitui a base econômica e social dos pequenos municípios do estado de Santa Catarina.

A partir da análise e interpretação dos dados, identificamos as perspectivas da juventude rural em relação ao conhecimento geracional na agricultura familiar, destacando de que forma ocorre o conhecimento geracional em suas perspectivas e analisando os modos pelos quais participam dos conhecimentos da agricultura familiar.

A tabela a seguir categoriza os itens evidenciados durante a realização das análises, procurando deter as singularidades dos entrevistados, bem como o que estes sujeitos apresentavam em comum, tentando esclarecer a complexidade de todos os elementos. As categorias e subcategorias exemplificam as perspectivas dos jovens rurais sobre o conhecimento geracional.

Tabela 3 – Categorias, Subcategorias e Elementos de análise das Entrevistas.

Categoria	subcategoria	Elemento da Análise
Agricultura Familiar	Importância da atividade agrícola	Renda
	Permanecer da propriedade	Qualidade de Vida Trabalho Gostar da atividade
Conhecimento Geracional	Família	Infância Ajuda Incentivo
	Convívio com idosos	Experiência Geração
	Aprendizagem	Prática Social Valorização Recusa
Outros lugares de aprendizagem	Comunidade	Vizinhos Pessoas Diversas
	Escola	Formação dos professores

5.1 AGRICULTURA FAMILIAR

Esta categoria revela um conjunto de elementos de análise o qual busca entender sobre a agricultura familiar e seu papel no fenômeno do conhecimento geracional. Nesse sentido, emergiram duas subcategorias nas quais é possível perceber a importância da agricultura familiar na vida dos jovens e o desejo de permanecer ou não na atividade agrícola.

5.1.1 Importância da Atividade agrícola

Em relação a importância da atividade agrícola para a família, os entrevistados destacam o fato de ela ser a principal renda, em alguns casos sendo aquilo que mantém anualmente o orçamento familiar.

*“Ela é o **único sustento** para o ano todo” (E7)*

*“Eu acho muito importante, porque é uma **renda que ajuda muito**” (E8)*

A atividade agropecuária que é a venda da produção vegetal e animal, representa mais de 90% da receita de todos os tipos de estabelecimentos rurais de Santa Catarina (KEGEYAMA; BERGAMASCO; OLIVEIRA, 2013). Cabe destacar que apesar de se falar atualmente de um novo rural, basicamente constituído pela pluriatividade na propriedade na qual não necessariamente se deve trabalhar apenas com agricultura ou apenas morar no meio rural, Santa Catarina apresenta outra característica. Um estudo realizado por Mattei (1998) mostrou que em Santa Catarina os estabelecimentos são fundamentalmente voltados para a produção agrícola e a pecuária e as atividades não-agrícolas no meio rural não fazem parte da experiência cotidiana dos jovens que vivem nos estabelecimentos agropecuários.

5.1.2 Permanecer na atividade agrícola

Essa subcategoria mostra o desejo da permanência ou não dos jovens na área rural. Com relação a este ponto apresenta fatores como gostar da atividade agrícola e a busca da qualidade de vida como os motivos para a permanência e fatores como a renda não ser suficiente.

“Eu gosto do interior, pretendo continuar aqui” (E5).

“ Hoje eu vejo qualidade de vida no futuro e também, digamos, precisa da agricultura, porque cada vez mais o pessoal está aumentando e o interior diminuindo (E6).

Durante as entrevistas, a fala da maioria dos jovens que desejam permanecer residindo nas áreas rurais vai de encontro com os estudos de Silvestro e seus colaboradores (2001) apresentam. Os autores argumentam que os jovens não mencionam a possibilidade de que uma unidade familiar no meio rural se torne um local de residência para um eventual emprego urbano. Como citado anteriormente, os jovens não veem outra possibilidade de trabalho a não ser agricultura quando desejam em permanecer no meio rural.

É importante destacar que embora a atividade agrícola seja uma opção aberta para indivíduos de origem rural ou urbano, o ingresso na ocupação agrícola continua a ser predominante de sujeitos do próprio meio rural, através do processo chamado endoreprodução. Dessa forma, as novas gerações de agricultores são frequentemente fruto de famílias rurais, como destaca Champagne (1986).

Em muitos casos os jovens possuem ausência de condições em permanecer na propriedade, e continuar com a atividade da agrícola junto a família. Desta forma, em muitos casos apenas uns dos filhos vai assumir a sucessão familiar, ou seja, irá continuar na propriedade e os demais buscam empregos nas áreas urbanas para se sustentar e conseqüentemente residir. Esse argumento pode ser encontrado na afirmação de um dos jovens quando questionado se deseja continuar na atividade agrícola:

“ Não (...) Pelo tamanho da propriedade a renda familiar não é suficiente” (E3).

Os estudos de Staloch & Rocha (2018) reafirmam a fala do entrevistado anterior. Em muitos casos, os jovens rurais querem deixar a agricultura familiar devido a desvalorização de suas propriedades, o baixo valor dos seus produtos e a falta de estrutura e infraestrutura. E isso acaba acarretando o êxodo rural, uma problemática que vem ocorrendo nas últimas décadas.

O jovem deixa o meio rural se deslocando para as áreas urbanas em busca de oportunidades, mas acaba encontram dificuldades como desemprego, morando em áreas de risco e assim contribuindo para superpopulação nas áreas urbanas. Para Stein e seus colaboradores (2019) este fenômeno normalmente surge porque as oportunidades sociais e

econômicas na área rural não atendem às expectativas de alguns dos seus moradores.

As perspectivas da permanência dos filhos na atividade agropecuária dependem da viabilidade econômica da propriedade, das oportunidades e das estratégias para a obtenção de rendas, das relações que ocorrem entre pais e filhos e da valorização da profissão de agricultor, conforme Brumer, et al., (2000).

5.2 CONHECIMENTO GERACIONAL

Essa categoria apresenta um conjunto de elementos para a análise sobre o conhecimento geracional na agricultura familiar para os jovens rurais. Sendo assim, apresentou três subcategorias: família, convívio com idosos e aprendizagem na prática.

5.2.1 Família

Essa subcategoria revela o papel familiar no ensinamento das atividades agrícolas, sendo destacado com quem e como eles aprendem. A realização das atividades junto com seus familiares é uma experiência marcante desde a infância. Ajudar é uma das formas de aprendizagem neste contexto.

*“Desde os **10 anos** e eu aprendi com o **pai** e com a **mãe**” (E5)*

*“Eu aprendi com **meus familiares** observando e questionando. Quem mais me ensinou foi meu **pai, tio, avô**. Então desde **pequeno participo** das atividades” (E7)*

De acordo com Marin (2018) o trabalho realizado pelas crianças do campo integra a ordem moral da família, sendo que os agricultores buscam relacionar o trabalho à dignidade humana e o desenvolvimento do senso de responsabilidade. Os pais se sentem na missão de educar e transmitir princípios necessários à vida das crianças e essa educação é incorporada de gerações passadas. Segundo os estudos de Sauer & Rodriguês (2019) os pais sentem a necessidade de manter os conhecimentos geracionais da família. Cabe mencionar que uma temática importante, mas não focada neste trabalho, refere-se ao trabalho infantil existente no meio rural. Nas entrevistas realizadas, seja pelo direcionamento das questões do roteiro de entrevista ou pelo esforço amostral, este tema não foi abordado. Observa-se que é através das atividades realizadas por eles desde a infância, quando acompanhando seus pais, que a

aprendizagem sobre a vida na agricultura e o incentivo de permanecer no campo acontece. Para Stein et al (2019) o principal incentivo para os jovens permanecerem no campo é apoio dos pais e o interesse pelas atividades da rotina das propriedades.

“Eu comecei indo junto nas colheitas e comecei a pegar interesse, e daí fui ajudando cada vez mais um pouquinho e fui pegando o gosto, o jeito” (E2).

*“Porque facilita, tem alguém pra **incentivar**” (E8)*

Como destacado anteriormente, as crianças estão sempre presentes das atividades da propriedade. Para Gomes (2008) são as próprias crianças que propõe em participar de alguma atividade e são acolhidas na sua tentativa.

Na minha experiência neste contexto, é possível afirmar que os pais em suas falas relatam que as crianças e jovens ajudam no processo, não sendo visto como uma forma de estar realmente trabalhando na propriedade, sendo assim, para eles, os jovens internalizam a ideia de ajuda de seus familiares, como é possível perceber nas falas a seguir:

*“Desde pequena a mãe sempre incentivou a **ajudar**” (E8).*

*“ (...) **dai ajuda** quando é pra arrancar feijão e quebrar milho (E4).*

*“Na pulverização não, por causa dos venenos, mas no plantio e coisas assim **eu ajuda**” (E2).*

Essa visão de ajuda pode inviabilizar o trabalho que os dos jovens exercem, pois segundo Oliveira, Rabello & Feliciano (2014) o fruto do trabalho que o jovem produz é repartido para a reprodução familiar. Dessa forma, o jovem não possui um salário e assim apresenta dificuldade em ter autonomia financeira, sendo dependente dos pais no qual proporciona dificuldades aos jovens em frequentar locais de lazer e/ou comprar coisas do seu desejo. Isso era notado na minha experiência, pois os pais proporcionam o básico para os jovens, como alimentação e moradia.

O destaque dessa categorização se deve ao fato que nesse momento que os jovens estão ajudando e trabalhando sem receber auxílio financeiro, os pais julgam como se estivessem preparando o jovem para o futuro, dando a ele experiência. Assim, os frutos eles colherão futuramente, herdando a propriedade. A lógica é: o jovem que aprender e valorizar os conhecimentos que são repassados, poderão ter o direito à sucessão.

5.2.3 Convívio com idosos

Nesta subcategoria os elementos apresentados mostram a importância dos conhecimentos que circulam entre as pessoas, principalmente no âmbito familiar através do convívio com as pessoas mais velhas.

*“...Que nem o conhecimento das luas, tudo isso regula. Pelo menos eu nunca vi um livro que fala disso, e os **mais velhos aplica esse conhecimento, e eu acredito nisso**” (E2).*

*“**Eles vão passando o que eles têm de conhecimento, vão passando pra nós e a gente vai aprendendo**” (E1).*

Sobre conviver com os idosos o fator relevante para os entrevistados é a questão da experiência que as pessoas mais idosas possuem e repassam para eles.

*“Dos pais deles, que vai passando de **geração em geração com a experiência**” (E8).*

Eles tem muito mais experiência, então eles passaram por momentos difíceis, então eles sabem explicar para a gente bem certinho e sempre é um aprendizado (E6).

*“O conhecimento deles são mais **baseados em experiências** que não deram certo, então eles repassam para outras pessoas paque que não cometam erros iguais (...) **por suas experiências aprendo muito** e o que eles passaram de dificuldade no campo no passado serve como motivação para mim” (E7).*

Sobre esse aspecto é importante ressaltar que os jovens rurais, possuindo um nível de escolaridade mais elevado referentes às pessoas mais velha no seu convívio familiar, conseguem conciliar as aprendizagens geracionais com os novos conhecimentos que lhes são apresentados socialmente. Toledo (2008) fala que os jovens rurais crescem com uma cultura diferente da dos seus pais e incorporaram, em muitos casos, parte do modo de vida urbano.

*“(...) **muitas coisas passam de geração para geração, claro que cada geração vai se adaptando, vai se modernizando. A nossa geração, no caso a minha geração é bem diferente, da vó com o avô, com sistema de criação bem diferentes**” (E6)*

Os jovens rurais vivem a dicotomia entre espelhar-se na cultura urbana que se torna

referência para a construção de seu projeto de vida, e normalmente orientados pelo desejo de inserção no mundo moderno, mas se prendem a cultura de origem (CARNEIRO, 1998). Como Garcia et al (2007) apontam os conteúdos transmitidos das gerações não permanecem intactos e imutáveis ao longo dos tempos. Ocorrem alterações de alguns conteúdos pelas gerações precedentes e isso se deve ao fato dos condicionantes históricos, sociais e culturais vivenciado por essas gerações.

Sobre a questão da aprendizagem do conhecimento para os mais novos, os jovens também assumem que possuem o compromisso de repassar os saberes que obtiveram ao longo da vida:

“Pretendo repassar se um dia tiver filhos, passar o conhecimento para que eles já saibam desde pequenos” (E1).

“Do mesmo jeito que nossos passam pra gente, a gente deve passar pros filhos que eles possam ter conhecimento também” (E7).

5.2.2 Aprendizagem na prática

Esse item diz respeito de que forma ocorrem as aprendizagens nas atividades agrícolas. Quanto a isso se observa destaques em relação a aprendizagem através de duas formas.

A primeira é a prática propriamente dita na atividade agropecuária, o uso correto das ferramentas organização da propriedade, à época correta para o plantio e a colheita e de que forma deve ser realizada. Para Bourdieu (1989) a transmissão do saber agrário, do saber prático, transmitido de pai para filho é através da prática, sem teoria.

“Aprendi sempre fazendo na prática, tudo na prática” (E3).

“Recebo sempre na prática, quando estou trabalhando me dizem o que fazer para melhorar ou como fazer”(E7).

A segunda forma é a social, que se trata de conselhos para a vida, na qual é repassado os valores e costumes, como relata a entrevista a seguir:

*“São importantes, porque digamos assim, eu já tive uma experiência dessas, eu passei por uma situação **que meu avô tinha falado**, então às vezes vai fazer uma coisa e você lembra **que seu avô falou isso, ou tua avó falou isso, então ajuda na vida, no teu cotidiano muitas coisas que eles falam**. Às vezes a gente não dá valor na hora. O que esse velho está pensando? Mas depois quando **a gente passa por uma situação parecida que você vê. Poxa! O vô não estava errado, ele tinha razão** (E6).*

Analisamos mais uma vez através das falas dos jovens rurais que eles valorizam as aprendizagens ocorridas durante a execução das atividades na propriedade:

*(...) eles me ajudam a conseguir fazer **de uma maneira melhor** (E8)*

Sendo assim a transmissão geracional de valores, saberes, normas, hábitos, normas e padrões de convivência se constitui em processo social, histórico e cultural, presente no cotidiano de vivências (BENINCÁ; GOMES, 1998).

É normal que ocorra algumas tensões entre os membros da família quando se trata de repasses de conhecimentos geracionais, pois os jovens ao longo de sua trajetória social passam a construir suas próprias opiniões e assim neste contexto os jovens apresentaram algumas recusas sobre os ensinamentos repassados pelos seus familiares:

*“ De plantar na lua assim, eu acho que não tem influência muito. Eu acho que **não tem fundamento**” (E1)*

*“ Alguns eu absorvo, **outros não**” (E2)*

5.3 OUTROS LUGARES DE APRENDIZAGEM

Essa categoria mostra que os jovens rurais acessam de outras formas os conhecimentos sejam esses conhecimentos geracionais ou não, que vão além do núcleo familiar e contribuem para ampliar as suas aprendizagens.

5.3.1 Comunidade

A comunidade proporciona diversas aprendizagens para os jovens, sejam eles vizinhos

ou as demais pessoas que convivem em seu meio social.

*“Através dos meus pais, meus avós e **vizinhos também**”* (E1)

*“De todos meus familiares, **agrônomos** que conheço”* (E7)

*“**Dos conhecidos, dos irmãos dos meus avós, dos meus tios também**”* (E1)

Para Renk e Dorigon (2014) em seus estudos demonstrou que um fator importante para a permanência dos jovens permaneçam na atividade agrícola é a existência da vizinhança e da comunidade.

Percebe-se que os conhecimentos são repassados por outras pessoas que os jovens têm contato, não se restringindo ao núcleo familiar, mas que é coincidente com os conhecimentos da família, ou seja, são aceitos pelo membros da família, ocorrendo assim uma agregação de conhecimentos.

5.3.2 Escola

Essa subcategoria nos apresenta os conhecimentos recebidos no âmbito escolar, no qual mostra o papel dos professores referente a formação dos jovens sobre a realidade deles na atividade agrícola.

*“Na escola tinha horta, cada mês uma pessoa cuidava da horta e **aprendia algumas coisas**”* (E4).

*“Principalmente aula de biologia. A gente tinha um professor **que ensina muito**. Ele gostava muito de plantações e **sempre trazia bastante conhecimento para a gente**”* (E8).

Como podemos observar através da fala dos entrevistados, é possível que o professor consiga ensinar e com os jovens efetuar uma relação entre o conteúdo curricular da escola com os saberes da região. Através dessa perspectiva, é proporcionado aos jovens uma aprendizagem mais abrangente e assim valorizando os conhecimentos das gerações anteriores (RODRIGUÊS; SAUER, 2019).

Em contraponto a isso, os jovens percebem que há ausência de formação dos professores para se trabalhar com a realidade dos estudantes do meio rural, como relata o jovem a seguir:

“O que recebo na escola não acho importante não, os professores são formados só na faculdade e nunca trabalharam na agricultura para poder passar um conselho certo, na maioria das vezes falam besteira (...) (E7)”

Para Caldart (2004) as práticas educacionais deve-se incluir debates políticos e pedagógicos sobre a questão de saberes, que são necessários a estes sujeitos e como podem contribuir nas relações entre gerações, na preservação, na transformação de processos culturais e construir novas relações entre rural e urbano. Desta forma é necessário discutir qual a tarefa da escola em relação aos diferentes saberes e de como saberes especificamente escolares podem ajudar na sua produção e apropriação cultural.

Nota-se que alguns dos entrevistados quando questionados sobre os ensinamentos da escola que eles conseguiam relacionar com as práticas agrícolas exercidas por eles apresentavam dificuldade em lembrar:

*“Na verdade no momento **não lembro**, mas a educação vem de casa” (E6).*

*“**Não me lembro**” (E5)*

Isso nos mostra que o exercício de reflexão sobre a realidade dos jovens estudantes muitas vezes pode ser ausente no ambiente escolar. Essa realidade, muitas vezes, impacta na aprendizagem escolar com implicação direta para eles.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessário se ter cuidado para não estimular/desestimular a saída dos jovens ou sua permanência no campo. O foco pedagógico das pesquisas deve se preocupar em entender o seu desejo de permanência ou saída, e assim, buscar ajudá-los a compreender os fatores para que isso se torne uma escolha.

Nesse contexto, a realização deste estudo possibilitou identificar e analisar as perspectivas da juventude rural em relação ao conhecimento geracional na agricultura familiar, as formas de como isso ocorre e a sua importância, sendo um dos fatores que estimulam na escolha dos jovens em continuar no meio rural e darem continuidade à agricultura familiar.

O alicerce da agricultura familiar se encontra na transmissão e aprendizagem dos conhecimentos das pessoas mais velhas. Esses não somente repassam saberes relacionados às atividades agrícolas, mas ensinam também costumes e valores que vão proporcionando aos jovens a sua permanência no meio rural. Os jovens, independente de ter acesso a cultura urbana e outras formas de conhecimento quando frequentam as escolas, ainda continuam tendo o conhecimento aprendido em suas famílias. Os conhecimentos aprendidos de outras maneiras servem para agregar os conhecimentos já existente nas famílias, sobretudo aqueles relativos à agricultura e permanência no campo.

Como graduanda em Licenciatura em Educação do Campo entendo a importância da valorização dos conhecimentos geracionais e dos saberes locais que circulam entre os jovens que vivem na área rural. Esses conhecimentos são fundamentais para que os jovens consigam relacionar os conhecimentos no seu cotidiano com os conhecimentos trabalhados em sala de aula. Sendo assim, os cursos em Educação do Campo forma profissionais capacitados em trabalhar os conteúdos escolares levando em consideração os conhecimentos que os estudantes possuem através de suas realidades.

É normal que os jovens apresentem alguma recusa sobre alguns conhecimentos, mas isso é habitual nos processos geracionais, ainda mais em uma sociedade ocidental que sobre influência do grande avanço tecnológico. Mesmo vivendo o aumento dos fenômenos ligados à modernização em que os jovens possuem acesso a diversas formas de conhecimento - diferente das gerações anteriores que, por exemplo, não tinham acesso à internet -, ainda permanecem e são importantes para esses jovens os conhecimentos que circulam na família como base para as suas aprendizagens.

Conviver desde a infância nas atividades, na perspectivas dos jovens, é fundamental para que a aprendam sobre a execução da produção do meio rural. Nota-se que isso não é frequente quando as pessoas desejam exercer outras profissões nas áreas urbanas, que pode-se aprender quando se é adulto. Na percepção dos agricultores familiares, para ser agricultor tem que se aprender desde a infância, e esses conhecimentos ensinados devem ser os que são repassados dentro do núcleo familiar entre as gerações. Sendo assim, assume-se com grande força o compromisso em repassar esses conhecimentos.

De acordo com os dados produzidos com pelos entrevistados, se evidencia a valorização dos conhecimentos, porque esses são formados através da experiência. Dessa forma, os jovens julgam que é algo que possivelmente vai dar certo em ser reproduzidos, pois já foi experiência anteriormente. Outro fator importante para transmissão dos conhecimentos geracionais é que são efetuados através da prática, que muitas vezes não possui uma explicação teórica. Esses jovens também não sentem a necessidade que tenha essa explicação teórica. Desta forma a explicação na prática já é suficiente.

Por fim, é fundamental que se realizem novas pesquisas com relação a este tema para se compreender o papel do conhecimento geracional e sobre os jovens que vivem no meio rural, sobretudo no contexto do território do Planalto Norte Catarinense. Trata-se de um universo rico de aprendizagens e potencialidades, tanto do ponto de vista da pesquisa quanto pedagógico.

7. REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Ricardo; SILVESTRO, Milton; CORTINA, Nelson et al. **Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios**. Edições Unesco: Brasília, 1998.
- BALDIN, N.; MUNHOZ, E. M. B. **Snowball (Bola de Neve): Uma técnica metodológica para pesquisa em Educação Ambiental Comunitária**. X Congresso Nacional de Educação, Curitiba, 2011.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BENINCA, C. R. S.; GOMES, W. B. **Relatos de mães sobre transformações familiares em três gerações**. *Estud. psicol. (Natal)* [online]. 1998, vol.3, n.2, pp.177-205. ISSN 1678-4669. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X1998000200002>.
- BERGAMASCO, S.M. P e DELGADO, G. C. **Agricultura Familiar Brasileira: Desafios e Perspectivas de Futuro**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2017.
- BONOMO, M.; SOUZA, L. **Representações hegemônicas e polêmicas no contexto identitário rural**. *Avances en Psicología Latinoamericana*, v.31, p. 402-418. 2013.
- BOURDIEU, P. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BOURDIEU, P. **Esboço de auto-análise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005
- BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.
- BRANDÃO, C. R. **Parentes e parceiros: relações de parentesco e relações familiares de produção entre camponeses de Diolândia**. In: BRANDÃO, C. R.; RAMALHO, J. R. (Orgs.). **Campesinato goiano: três estudos**. Goiânia: Editora UFG, 1986. p. 15-82.
- BRUMER, A. **A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade**. In: CARNEIRO, M. J. & CASTRO, E. G de. **Juventude Rural em Perspectiva**. São Paulo. Ed. Mauad
- BRUMER, A. **Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul**. XXII Congresso Internacional da Latin American Studies Association (LASA), Hyatt Regency Miami, março/2000.
- BRUMMER, A. **As perspectivas dos jovens agricultores familiares no início do século XXI**. In RENK, A. e DORINGON, C. (Orgs.). **Juventude Rural, cultura e mudança social**. Chapecó; Argos, 2014.
- CAMBRUZZI, C. **A educação voltada ao meio rural em Rio do Sul: faces e interfaces de uma realidade**. In CAMPO, N.J.C.; BRANDT, M.; CANCELIER, J.W. (Orgs) **O espaço rural de Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013.

CAMPO, N.J.C.; BRANDT, M.; CANCELIER, J.W. (Orgs) **O espaço rural de Santa Catarina**. Apresentação, Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013.

CAMPOS, Í. **Os Colonos do Rio Uruguai. Relações entre pequena produção e agroindústria no Oeste Catarinense**. Dissertação de Mestrado. Campina Grande: Departamento de Economia/ UFPB, 1987

CARNEIRO, M. J. **Juventude rural: projetos e valores**. In: ABRAMIA, H. & BRANCO, P. P. M. (Org.). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 243-62. 2005.

CARNEIRO, M. J. **O ideal urbano: a relação campo-cidade no imaginário de jovens rurais**. XXII ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, Caxambu, 1998.

CASTRO, E. G. **As jovens rurais e a reprodução social de hierarquias**. In: Woortmann, E. F. ; Heredia, B.; Manasche, R. (Orgs.). *Margarida Alves: coletânea de estudos rurais e gênero*. Brasília: MDA/IICA (mimeo), 2006.

CASTRO, E. G. **Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político**. Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud (Vol. 7 no. 1 ene-jun 2009).

CHAMON, E. M. Q. O. **A educação do Campo: Contribuições da Teoria das Representações Sociais**. In: CHAMON, E.M.Q.O.; GUARESCHI, P.A.; CAMPOS, P. H. F. (Orgs). *Textos e Debates em Representação Social- Porto Alegre, ABRAPSO, 2014*.

CHAMPAGNE, P. **Elargissement de l'espace social ET crise de l'identité paysanne**. Cahiers d'Economie ET *Sociologie Rurales*, n. 3, 1986.

CHAUVEAU, H. **O lugar do acesso (ou não-acesso) ao lazer na relação que os jovens rurais tem com os territórios do interior catarinense**. In RENK, A. e DORINGON, C. (Orgs.). *Juventude Rural, cultura e mudança social*. Chapecó; Argos, 2014.

COSTA, M. N. C. & Doulas, S. M. **Representações de Juventude na escola Família Agrícola Paulo Freire- Acaiaca-MG**. *Revista Uniara.*, v.17, n.1, julho, 2014.

FOGUESATTO, C.R.; AT AL. **Fatores Relevantes para a Tomada de Decisão dos Jovens no Processo de Sucessão Geracional na Agricultura Familiar**. Revista Paranaense de Desenvolvimento, ISSN-e 2236-5567, Vol. 37, Nº. 130, 2016 (Ejemplar dedicado a: Janeiro - Junho), págs. 15-28.

GASSON, R.; ERRINGTON, A. **The farm family business**. Wallingford: CAB International, 1993. 304 p.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GRUBBSTROM, A., SOOVALI-SEPPINGS, H. **Estonian family farms in transition: a study of intangible assets and gender issues in generational succession**. *Journal of Historical Geography*, 38:329–339, 2012.

GUERIN, Y. S. **Múltiplos olhares, múltiplas mediações: as representações sociais da ruralidade entre os jovens rurais da microrregião da Santa Cruz do Sul.** Santa Cruz do Sul: FUNISC (Tese de doutorado em desenvolvimento regional), 2017.

KAGEYAMA, A. A., BERGAMASCO, S. M. P. P. e OLIVEIRA, J. T. A. **Uma tipologia dos estabelecimentos agropecuários do Brasil a partir do censo de 2006.** Revista de Economia e Sociologia Rural, Piracicaba-SP, v. 51, n. 1, p. 105-122, jan./mar. 2013.

KRUMMER, R.; COLOGNESE, S. A. **A juventude rural no Brasil: entre ficar e partir.** Revista tempo da Ciência v. 20, n. 39. 2013.

MANNHEIM, K. “**El problema de las generaciones**” tradução: Ignacio Sánchez de la Yncera], Revista Española de Investigaciones Sociológicas (REIS), n. 62, pP. 193-242. 1993.

MARIN, J. O. **a Infância rural e trabalho infantil: concepções em contexto de mudanças.** Desidades [online]. 2018, n.21, pp. 46-58. ISSN 2318-9282.

MATTEL L. **A pluriatividade no contexto de desenvolvimento rural catarinense.** Cepagro, Ano 2, no. 4, Florianópolis, abril/1998.

MENEZES, I. G. **Enxada versus caneta: Educação como prerrogativa do urbano no imaginário de jovens rurais.** Revista Eletrônica de Educação, v. 3, n. 1 mai, 2009.

OLIVEIRA, L. B.; RABELLO, D.; FELICIANO, C. A. **Permanecer ou sair do campo? Um dilema da juventude camponesa.** Revista Pegada, v. 15, n. 1, p. 136- 150, 2014.

PAULILO, M. I. **Trabalho familiar: uma categoria esquecida de análise.** Revista Estudos Feministas/ Universidade Federal de Santa Catarina, v.12, n.1, p. 229-252. 2004

PAULILO, M.I.S. e SCHMIDT, W. **Agricultura e espaço rural em Santa Catarina.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 2003.

PICOLOTTO, E. L.; MEDEIROS, L. S. **A formação de uma categoria política: os agricultores familiares no Brasil contemporâneo.** In: Delgado, Guilherme Costa. Bergamasco, Sonia Maria Pessoa Pereira. (Org.). Agricultura Familiar Brasileira: desafios e perspectivas de futuro. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2017, p.342-366.

PINTO, A. C. **Psicologia Geral.** Lisboa: Universidade Aberta. Nº 227. (340 páginas). ISBN: 972-674-339-7. DL: 164485/01. 2001.

POLI, O. L. **Aprendendo a andar com as próprias pernas: o processo de mobilização nos movimentos sociais do Oeste Catarinense.** Dissertação (Mestrado). Campinas; Departamento de Educação, 1995.

PUNTEL, J. A.; PAIVA, C. Á. N.; RAMOS, M. P. **Situação e perspectivas dos jovens rurais no campo.** Anais do I Circuito de Debates Acadêmicos.IPEA, 2011.

RENK, A. **A reprodução social camponesa e suas representações : O caso de PalmitosSC.** Tese (Doutorado). Rio de Janeiro,1997.

RENK, A. e DORIGON, C. **Trabalho, Juventude Rural e Mudança Social**. In RENK, A. e DORIGON, C. (Orgs.). *Juventude Rural, cultura e mudança social*. Chapecó; Argos, 2014.

ROGRIGUÊS, D. M.; SAUER, A. D. **Resgatando as Raízes: Medidas Agrárias**. In: MAGNUS, M. C. M.; BRICK, E. M.; FONSECA, I. (Ogs). *Saberes em Movimento*. Florianópolis, UFSC, 2019.

ROSAS, E. N. L. **Do campo para a cidade: saindo para ficar**. In: CARNEIRO, Maria José e CASTRO, Elisa Guaraná de. *Juventude Rural em Perspectiva*. São Paulo. Ed. Mauad, 2007.

SAUER, A. D.; RODRIGUÊS, D. M. **Madeira Boa? Só na Minguante de Maio**. In: MAGNUS, M. C. M.; BRICK, E. M.; FONSECA, I. (Ogs). *Saberes em Movimento*. Florianópolis, UFSC, 2019.

SCHNEIDER, S. e CASSOL, A. **Diversidade e heterogeneidade da agricultura familiar no Brasil e algumas implicações para as políticas públicas**. *Cadernos de Ciência & Tecnologia*, Brasília, v. 31, n. 2, p. 227-263, maio/ago. 2014.

SILVA, M. L. B. da & BOUSFIELD, A. B. S. **Representações sociais da hipertensão arterial**. *Temas psicol.* vol.24 no.3 Ribeirão Preto set. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2016.3-07>, 2016.

SILVESTRO, M. L.; ET AL. **Os impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar**. Florianópolis: Brasília: Epagri/NEAD/Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2001, 122 P.

SPANEVERELLO, R.S. **A dinâmica sucessória na agricultura familiar**. Porto Alegre, 2008 (Tese de doutorado em desenvolvimento rural-UFRGS).

SPANEVERELLOS, R. M. ET AL. **A migração juvenil e implicações sucessórias na agricultura familiar**. *Revista Ciências Humanas Ufsc*. Capa, v. 45, n. 2 2011.

STEIN, J; ET AL. **Permanência e Saída do Campo de Jovens Adultos no Oeste Catarinense**. *Revista Sociais & Humanas CESH/ UFSC*. 32, n., 1 2019.

STROPASOLAS, V. L. **Juventude Rural: uma categoria social em construção**. GT 22: *Sociologia da Infância e Juventude. XII Congresso Brasileiro de Sociologia; Anais*. Belo Horizonte, junho, 2005.

STROPASOLAS, V. L. **O mundo rural no horizonte dos jovens**. Editora da UFSC, Florianópolis, 2006.

STROPASOLAS, V. L. **O mundo rural no horizonte dos jovens: o caso dos filhos (as) de agricultores familiares de Ouro/SC**. Doutorado em Ciências Humanas/Sociedade e Meio Ambiente (Centro de Filosofia e Ciências Humanas) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2002.

STROPASOLAS, V.L. **Os dilemas da juventude no processo sucessório da agricultura familiar**. In RENK, A. e DORIGON, C. (Orgs.). *Juventude Rural, cultura e mudança social*. Chapecó; Argos, 2014.

TOLEDO, E. N. B. **A juventude rural e os desafios sucessórios nas unidades familiares de produção.** 29 de julho de 2008. A juventude rural e os desafios sucessórios nas unidades familiares de produção. Revista da Juventude Rural, ano III, nº 3, set., 6-8.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação: o positivismo, a fenomenologia, o Marxismo., São Paulo: Atlas 1987.

VEIGA, J. E. **Cidades Imaginárias:** o Brasil é menos urbano do que se calcula. Campinas, SP, Editora Autores Associados, 2002.

VINUTO, J. A. **Amostragem em Bola de Neve na Pesquisa Qualitativa:** um debate em aberto. Temáticas. Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.

WANDERLEY, M. de N. B. **A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades avançadas:** o “rural” como espaço singular e ator coletivo. Estudos Sociedade e Agricultura, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 87-145, 2000.

Apêndice A

Roteiro da Entrevista

Idade:

Nível de escolaridade:

Escola de formação:

Bairro/localidade:

Número dos membros da família (quem mora com você?)

Atividade exercida na propriedade:

1- Me fale um pouco sobre você, onde você nasceu? sempre morou aqui? na propriedade? ou na cidade?

2- Como é sua vida na propriedade? qual a sua rotina? Participa das atividades agrícolas da propriedade? Quais?

3- Pretende permanecer na propriedade agrícola?

4- Qual a importância da atividade agrícola na economia familiar ?

5- Como você aprendeu as rotinas na sua propriedade? alguém lhe ensinou? desde quando você realiza essas atividades? Alguém ajudou e ajuda?

6- De que modo você relaciona essa aprendizagem com o papel da sua família, com o papel dos mais velhos?

7- De que modo você recebe os conselhos e ensinamentos que lhe dão?

8- Você já recebeu algum ensinamento que não achou importante? Por que?

9 - Você acha importante os ensinamentos que recebe da escola ? Você usa na sua propriedade?

10- De que modo o que vc aprende na família lhe ajuda?

11- Através de quem e que locais você recebe esses ensinamentos ?

12- Você convive com pessoas mais velhas em sua propriedade? ou comunidade? de que modo elas contribuem para sua aprendizagem do cotidiano, do seu trabalho, da agricultura?

13- Os conhecimentos que você obteve por essas pessoas, você acha que ela obteve através de quem ?

14- É importante os conhecimentos que circulam entre as pessoas ?

15- Você pretende futuramente repassar esses conhecimentos para os mais novos ? De que modo ? Porque você acha importante ?

16- Você pensa ser importante o conhecimento dos mais velhos para sua formação? Porque?